



ANDRÉ GOREV

# O Fracasso Original



**Editora Penalux**  
*Guaratinguetá, 2022*





Rua Marechal Floriano, 39 – Centro  
Guaratinguetá, SP | CEP: 12500-260

penalux@editorapenalux.com.br  
www.editorapenalux.com.br

EDIÇÃO: França & Gorj

REVISÃO: A. G.

CAPA: André Gorev

DIAGRAMAÇÃO: Guilherme Peres

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

G666f Gorev, André.

O Fracasso Original / André Gorev – Guaratinguetá, SP: Penalux, 2022.  
192 p. ; 21 cm

ISBN 978-65-5862-290-1

1. Ficção I. Título.

CDD: B869.3

Índice sistemático:

1. Literatura brasileira

Todos os direitos reservados.

A reprodução de qualquer parte desta obra só é permitida  
mediante autorização expressa do autor e da Editora Penalux.



# I Contato



Minha memória contém os meus sentimentos. E, apesar de a distância temporal em relação aos episódios que suscitaram esses sentimentos ser, neste momento, superior à idade que eu apresentava quando os vivenciei, é dessa memória e desses sentimentos, dos quais não consigo me ver livre, que uma necessidade mais pungente quanto a fome ou a sede reivindica alguma espécie de supressão. Longe de ser movido por uma autoindulgência e mais distante ainda de esperar qualquer piedade daqueles que se tornaram personagens fundamentais desses indelévels baluartes mnemônicos, esse apelo tem por desejo primordial a expurgação dos meus fracassos e a concretização narrativa das conjunturas que me conduziram a eles, exercício este que jamais será realizado entre aqueles que tiveram participação fundamental em seu desenvolvimento, mas que se faz concreto aqui, neste prolixo relato.

De minha parte, não há nenhuma apreensão ou restrição em abordar os variados tópicos da minha derrocada. O que me inquieta de fato é não o fazer e restringi-los a um coração castigado e pesaroso, engolfando este num mar de nostalgia até que não haja mais sopro capaz de fazê-lo seguir em frente. É com essa urgência vociferante que meu peito clama pela

expição dessa angústia que cresce cada vez mais com o passar dos anos, exigindo sua emancipação, aguardando uma forma minimamente satisfatória para realizá-la e assim afugentar os espectros que permanecem assombrando meus inconformáveis dias. De toda essa fantasmagoria torturante, um espectro em particular detém um esplêndido poder sobre mim.

\* \* \*

A primeira vez que reparei em sua delgada figura na sala de aula em meio a um turbilhão (convulsionando-se de maneira irrefreável) de meninas e meninos da nossa idade, entre os onze e doze anos, uma clarividência me alvejou de maneira indelével, sintetizando todo o infortúnio que se precipitaria sobre mim. O axioma manifestou-se na seguinte sentença: “essa garota vai me trazer problemas”. Confesso agora que foi um pensamento estranho para um garoto de onze anos de idade ter, uma suspeição inexplicável como reação à observação de um objeto tão fascinante, ao exame distante e atento dos cabelos dourados que dançavam sobre sua cabeça, dos ossos protuberantes de seus ombros e omoplatas, do tom leitoso e plácido de sua pele. Naquele instante, apesar de todo o meu esforço, era custoso aos meus olhos divisar seu rosto, fosse pela distância entre nós ou pelo astigmatismo já dando sinais da sua presença em minha visão. Entretanto, minha audição já gravava seu nome com contornos dogmáticos para mim, me tornando um seguidor fiel e incontestável de Bianca: a virtuosa Bick.

A observação mais apurada de seus traços faciais ocorreu somente algum tempo depois, quando sua presença já estava marcada como certa entre nós e aquilo que até então havia se apresentado como novidade para todos já estava se aderindo ao corpo do cotidiano. Em um primeiro contato com sua fronte marmórea, os olhos que a divisassem eram imediatamente atraídos pelos olhos divisados, por seu poder magnético de atração, como se fossem olhos de um animal dócil, porém raro, cujas cores se mostravam como a pedra preciosa se mostra ao mineador em meio à rocha cinzenta e à terra, mas encerrando em si parte desse cinza, em um orbe esverdeado de uma íris vítrea.

Eu jamais havia contemplado um par de olhos como aquele, uma galáxia nascendo, inundando um aquário globular e cristalino. O deslumbramento que produziam se dava em especial pelo contraste que tais olhos ganhavam em seu rosto, circundados por uma pele de brancura profunda ao observador, ilhados em um mar leitoso cuja superfície diáfana exibia de forma delicada pequenas ramificações de veias esverdeadas, como corais imersos espichando suas extremidades em direção à luz externa. Esses fenômenos eram perceptíveis nas reentrâncias de seu nariz linear, em equilíbrio com os olhos, e também abaixo de seu lábio inferior, realçando o tom rosado da boca de traços sutis, porém expressivos e veneráveis.

Minha primeira paixão, portanto, havia se dado por uma menina branquela de olhos claros e cabelos loiros (com um vaso sanguíneo esverdeado e saliente no queixo). Nada mais clichê para um garoto de onze anos do que se apaixonar por uma menina com esse padrão de beleza convencional. Em

minha defesa, só posso dizer que a presença dela me arrebatou de forma inesperada, pois, de acordo com as minhas vontades e necessidades na época, a última coisa na qual eu desejava tomar parte era o apego apaixonado ou aquilo que eu tinha como concepção do que era se apaixonar.

A vontade de estar sempre em sua companhia crescia despropositadamente com o passar do tempo, ocupando meus pensamentos aos finais de semana, feriados e nos dias em que ela faltava às aulas, fazendo com que aquela sensação de formigamento em meu estômago, sintoma tão descrito nas histórias sentimentais, se tornasse algo constante em minha pequena figura. Toda minha devoção tinha por base não apenas a contemplação, mas também a interação surgida entre nós, fruto de uma amizade de vínculo gradual. Eu participava de suas brincadeiras, ria de suas piadas, ouvia seus planos, concordava com suas queixas, zombava de seus desafetos, oferecia-lhe mimos (guloseimas, desenhos etc.), instigava suas risadas, permutava suas confidências, ajudava em seus estudos e tantas outras coisas que compreendiam a rotina de duas crianças (embora, à medida que eu buscava de propósito abandonar minha infância, fomentado pela minha condição apaixonada, eu me enxergasse um adolescente em estado bruto, a poucos passos de distância do mundo adulto).

Em certo momento, todos à nossa volta já percebiam que nossa ligação era diferente das relações gerais entre colegas de escola, suspeitando principalmente do meu comportamento, tão cativo e condicionado a tê-la ao meu lado ou em meu campo de visão, o que denunciava meus sentimentos. A

primeira a supor sobre minha secreta paixão foi uma colega que costumava se sentar próximo a nós, e, pela proximidade, suas observações ganhavam entornos mais privilegiados; uma espectadora isolada na primeira fila do teatro do meu coração. Seu nome era Mary e, assim que suas suspeitas se criaram, de imediato e sem dificuldades, ela decidiu externá-las para mim, num arroubo acusatório que me fez corar até as orelhas.

“Você está apaixonado pela Bick!”

Como se pego em flagrante delito, meu corpo todo se eriçou em uma atitude defensiva diante da perspicácia daquela denúncia. Por mais que eu elaborasse negativas a esse respeito, nenhuma delas se fazia crível diante da convicção resoluta de Mary, enfraquecendo a minha já frágil posição ao ponto de eu ceder as rédeas da situação de maneira fácil, admitindo todos os pontos acusatórios ao mesmo tempo em que pedia com clemência que ela jamais, em hipótese alguma, revelasse a outrem o conteúdo daquela confissão, realizada sob evidente tortura psicológica.

Daquela conduta invasiva, assenhoreando-se do meu mais profundo segredo, Mary mostrou-se em seguida muito simpática à minha causa, qualificando-a de digna e plausível, respeitando minhas restrições quanto ao alarde do assunto, mas, em decorrência do seu próprio entusiasmo, incentivando-me a assumir meu amor perante o objeto amado a despeito de quaisquer ressalvas. Minha insegurança era a maior delas. Nem mesmo a morte é capaz de fazer frente ao medo da rejeição que um garoto pode ter. O único remédio eficaz para combater ativamente ou apaziguar em parte esse temor

é a consciência de que seu sentimento é correspondido ou estimado, e era nessa direção que Mary investia seus esforços para me persuadir a revelar minha paixão por Bick.

“Ela deve gostar muito de você também.”

A fragilidade do verbo “gostar”, neste caso, não tornava a sugestão nem um pouco persuasiva. Era preciso um argumento de maior intensidade para me demover da minha oculta posição, algo que criasse a confiança necessária para que minha declaração fosse realizada sem acanhamento algum. À medida que a insistência de Mary aumentava, notava-se que seu autocontrole definhava e que sua vontade era a de sair correndo, aos berros, anunciando sua descoberta como se meu sentimento fosse um novo elemento químico, cuja comprovação havia sido muito custosa para ela.

Como única alternativa possível para frear todo o seu ímpeto, restou-me convencê-la de que eu assumiria meu sentimento para Bick dentro de pouco tempo e de que, naquele instante, eu estava me preparando, reunindo forças e argumentos que repercutissem de modo favorável para Bick me aceitar como seu namorado. Desta forma, Mary e eu firmamos um acordo no qual ficava estritamente estabelecida a condição de que ela só poderia divulgar minha situação se, dentro das duas semanas seguintes, eu não o fizesse. Eu havia ganhado tempo para pensar no que fazer com relação à descoberta de Mary e também para refletir se a única maneira para ela sair do meu encaço seria de fato abrir meus sentimentos ao mundo, ato que hoje me parece insignificante, mas na época soava como uma sentença de morte.



LIVROS ILUMINAM

---

Este livro foi composto em Dante MT  
pela Editora Penalux e impresso em papel  
pólen soft 80 g/m<sup>2</sup>, em março de 2022.

---